

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Claudia Spinel Rodrigues

PRETO NO BRANCO: UMA QUESTÃO DE LEI

Belo Horizonte  
2010

Claudia Spinesi Rodrigues

PRETO NO BRANCO: UMA QUESTÃO DE LEI

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Especialização apresentado como  
Requisito parcial para a obtenção de  
título de Especialista em História da  
África e Cultura Afro-Brasileira, pelo  
Curso de Pós-Graduação Lato Sensu  
Em Docência na Educação Básica, da  
Faculdade de Educação/Universidade  
Federal de Minas Gerais.

Orientador: José Raimundo Lisboa da Costa.

Belo Horizonte  
2010

Claudia Spinesi Rodrigues

## PRETO NO BRANCO: UMA QUESTÃO DE LEI

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como Requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em História da África e Cultura Afro-Brasileira, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: José Raimundo Lisboa da Costa.

Aprovado em 11 de dezembro de 2010

### BANCA EXAMINADORA

---

Nome do orientador – Faculdade de Educação da UFMG

---

Nome do convidado – Instituição a que pertence

SPINELI, Claudia.

Preto no Branco: Uma questão de lei. Claudia Spineli, 2010.

Total de folhas: 26

Orientador: José Raimundo Lisboa da Costa

Trabalho de Conclusão de Curso: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2010

1. Lei 10.639/03. 2. Racismo. 3. Ação pedagógica.

I. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação II. Preto no Branco: Uma questão de lei.

## Resumo

### Memorial

Capítulo 1 – Origens .....	01
Capítulo 2 – Processo de escolarização .....	02
2.1 – Ler, brincar e aprender .....	03
2.3 – Adolescer .....	03
2.4 – Ampliando horizontes culturais.....	04
Capítulo 3 – O tornar-se professora .....	05
Capítulo 4 – O ser professora .....	07
4.1 – Ensinar e aprender .....	08
4.2 – A coordenação .....	09
4.3 – A prática escolar nos dias de hoje .....	10
Plano de Ação	
Introdução .....	12
1 – Justificativa .....	13
2 – Objetivos gerais .....	13
3 – Objetivos específicos .....	13
4 – Justificativa .....	14
5 – Desenvolvimento, procedimentos metodológicos e atividades a serem desenvolvidas .....	15
5.1.1 – O continente da Copa do Mundo.....	16
5.1.2 – Semana da Consciência Negra .....	17
5.1.3 – A princesa e o sapo .....	17
5.1.4 – Utilização de textos do universo africano nos momentos de ler e de contar histórias em Sala.....	18
5.1.5 Utilização de material disponibilizado na Captação A Cor da Cultura .....	18
5.2 – Áreas de abrangência .....	18

<b>5.3 – Desenvolvendo possibilidades com o corpo docente .....</b>	<b>19</b>
<b>6 – Conclusão .....</b>	<b>20</b>
<b>7 – Referências Bibliográficas .....</b>	<b>21</b>

## **Resumo**

O texto aponta o embasamento legal para o trabalho com a temática História da África e Culturas Afro-Brasileiras de forma sistemática nas escolas com os objetivos de combater o racismo e as discriminações que dele decorrem.

A escola se apresenta como um espaço que não é único, mas é fundamental, para que a Lei 10.639/03 pretenda alcançar, pela natureza de sua existência a educação cidadã com pessoas em idade de formação. Entretanto, a tarefa é árdua, porque tanto quanto a sociedade em que se insere, impregnada pelo “mito da cordialidade racial” e como outras instâncias omite e reforça o racismo e as discriminações em relação aos negros e seus descendentes.

Dessa forma, a ação aqui proposta é caminhar no sentido da superação do racismo, através da dinâmica pedagógica escolar.

# Memorial

## Laseb – História da África

### Claudia Spinel Rodrigues

### Prof<sup>o</sup>: José Raimundo Lisboa da Costa

---

#### 1º Capítulo – Origens

Sou a primeira filha de uma família nuclear, meu pai operário, pagador de seus impostos rigorosamente em dia, minha mãe 'do lar' contra a sua vontade, no tempo em que a mulher largava o emprego porque ia se casar. Tenho uma irmã que não optou pelo magistério e um irmão (o caçula) que também é professor.

Crescemos em casa própria de muro baixo, quintal com árvores e jardim com rosas, e quando tínhamos permissão, havia brincadeiras na rua com outras crianças vizinhas. A educação que recebemos foi rígida, mas não repressora, os castigos eram freqüentes, mas não havia surras ou castigos físicos que deixaram 'traumas' como o psicologismo recente apregoou.

Como já mencionei, meu pai era operário, mecânico de elevadores, católico por excelência e formalidade, saía cedo e retornava a tardinha com a marmitta vazia, o jornal e freqüentemente revistas. Em ocasiões especiais, trazia chocolates. Minha mãe era dona de casa, mas quando era solteira, trabalhava na bilheteria de um cinema em Caxambu, onde nasceu e viveu até se casar. À noite, íamos, meus pais assistiam ao 'Repórter Esso', nos finais de semana, as crianças ouviam discos de historias infantis e meu pai, música clássica (era proibido fazer barulho dentro de casa nessas ocasiões). Minha mãe ouvia no rádio noticiários e música, não se assistia novelas em minha casa. Nós, as crianças, podíamos ver, e mais tarde, ler revistas e jornais, mas tínhamos que dormir cedo e não era permitido os programas que adultos assistiam (e somente a noite assistiam). Meus pais estudaram somente até a antiga 4ª série, mas eram pessoas cultas e os assuntos que conversavam entre si e com as visitas, tratavam de política, economia, cultura e futebol. Minha mãe é cruzeirense e meu pai era atleticano, embora não houvesse conflitos, é claro que havia a rivalidade nesse aspecto, então penso que minha mãe foi mais convincente, pois todos nós somos cruzeirenses e nossos filhos também.

Minha família não freqüentava festas, as visitas eram poucas e restritas, não íamos à igreja, mas meus pais nos deram princípios religiosos universais (não voltados para essa ou aquela vertente religiosa, ou igreja). As regras e princípios morais referentes aos espaços individuais e coletivos eram claras e rígidas, a escola para minha família era uma instituição importantíssima, pois o estudo para meus pais era a forma (única) de ascensão social e econômica para quem era pobre.



Éramos pobres, mas tínhamos o básico e o necessário para viver com dignidade e conforto, fomos ensinados que para estudar era necessário dispensar o supérfluo, então sempre soubemos que meus pais priorizavam o estudo tanto quanto moradia, comida e saúde. Para isso, não havia festas, presentes caros nem viagens, pois “a gente tem que viver como que a gente tem, sem ficar devendo no fim do mês”, e isso era praticamente um mantra em minha casa.

A minha vida escolar começou em pleno regime militar, e as escolas em que estudei (e meus irmãos também) eram bastante rigorosas na disciplina, o que não era muito diferente da educação que recebia em casa. Entretanto, na escola não se falava em política, as crianças não opinavam em nada, e em casa também tínhamos pouca voz e nenhum voto. Os assuntos políticos em minha família eram só para adultos, que tratavam deles de forma discreta e velada, mas na época eu nem me dava conta. Acredito que o peso (positivo) que meus pais atribuíam à educação e a escola influenciaram decisivamente nas minhas escolhas profissionais e pessoais. Sem desconsiderar que cada um tem personalidade e características individuais, a pessoa adulta que me tornei e tenho me tornado tem bases sólidas e concretas nas crenças e valores éticos, estéticos e morais que recebi de meus pais.

## **2º Capítulo – Processos de Escolarização**

Tenho 50 anos de idade, 26 deles trabalhando na área da educação, em escolas de rede municipal de BH, ou seja, metade de minha vida adulta dedicada a uma prática e a metade anterior me formando para a tarefa. Não nasci professora, mas assim me fiz e o processo iniciou-se antes mesmo de minha decisão de estudar as ciências que me habilitassem para o ofício de educar. Acredito que minha opção pelo magistério tenha se delineado antes mesmo de iniciar minha escolarização e a título da introdução para explicar minhas escolhas, traço um breve perfil de minha experiência com o educar e o aprender.

### **2.1 – Ler, brincar e aprender**

Na minha família, não havia outros professores, não é uma questão de seguir um caminho aberto por algum parente que pudesse servir de modelo, mas talvez meus pais tenham sido a primeira referência positiva em relação a conhecimentos formais. Minha infância foi povoada pelos personagens da literatura infantil em revistas em quadrinhos disponíveis na época (Luluzinha, Os sobrinhos do capitão e as de Walt Disney), tínhamos –eu e meus irmãos- muito mais revistas e livros do que brinquedos. A relação com a leitura, para mim, é tão antiga quanto às primeiras lembranças de minha infância, época em que a televisão e o consumismo eram infinitamente menos presente que na infância dos dias atuais. Por isso ler era uma atividade tão natural quanto brincar o era, o desejo de aprender a ler e a aquisição das habilidades de leitura desenvolveram-se de maneira tranquila e natural. Em 1967 não havia oferta de escolas públicas infantis, e a educação infantil era somente para quem pudesse pagar o jardim de infância, e essa não era o caso de meu pai operário e minha mãe dona de casa.

## **2.2 – Uniforme, horários e alfabetização**

Aos 7 anos, fui a escola pela primeira vez, o Grupo Escolar Cel. Vicente Torres, no bairro Vera Cruz, onde morava e havia vaga. Fazendo outro paralelo sobre as possibilidades de escolarização no decorrer do tempo, consegui matricular os filhos na escola pública, era para o país de 1967 um trabalho árduo, muito mais do que atualmente, além do fato de os pais daquela época arcarem sozinhos com as despesas de suas crianças na escola. Estava na 1ª série, aos 7 anos, sentia-me orgulhosa e assustada: ter um uniforme, horários sistematizados e uma vida nova com pessoas em outro espaço que não era o da minha casa. Quando fui para a escola já estava alfabetizada, sabia as operações básicas, tinha facilidade em aprender, era uma menina quietinha e educada, portanto, uma boa aluna. Sempre me destaquei nas áreas da escrita e leitura, lembro de textos que produzia, nessa época, chamados de composição. As 4 séries iniciais da minha escolarização foram feitas na mesma escola, com diferentes professoras. Essa fase, que foi também um período sombrio da vida política do Brasil, foi de linearidade. Havia na escola muitas horas cívicas, com hinos cantados por todos e as crianças declamavam poesias de Olavo Bilac, Gonçalves Dias e Castro Alves, se bem me lembro. Nenhuma de minhas professoras desse tempo se destacou em minha memória escola, nem para bem, nem para mal. Todas eram rígidas, sérias demais e competentes, na minha avaliação. Uma lembrança especial é que eu gostava de ir embora eu gostasse de ir à escola e toda aquela dinâmica, numa segunda feira de manhã, chegamos à escola e tivemos que voltar, pois não haveria aula. O Brasil havia ganhado a Copa, no México e seria feriado, além daqueles que estávamos acostumados a comemorar nas horas cívicas, e que nossos pais nos levavam para assistir. Nesse dia, ouvi no rádio que um homem chamando Garrastazu Médici deixou o povo comemorar. Repito, gostava de ir à escola, mas fiquei feliz com o feriado inesperado e achei esse moço chamado Garrastazu Médici e tinha nome estranho e era muito legal.

## **2.3 - Adolescer**

No ano de 1971 mudei de escola, porque a anterior só oferecia até a 4ª série. Estudei o curso de admissão em um colégio de freiras. O curso era um preparatório para o ginásio, e essa fase foi ruim, já que a escola era ainda mais longe, no bairro Pompéia. Eu tinha de andar muito e minha mãe não me levava nem buscava, havia professores que trocavam de matéria no período de aula, mas entendia que o ginásio era diferente do curso primário e tinha de me preparar passando por essas experiências. No primeiro ano do ginásio, que corresponderia hoje a 5ª série, estudei no ginásio Comercial Santa Cruz, já extinto, e a novidade era ter aulas de Inglês e Educação Física. Não houve nenhuma dificuldade de adaptação, mas não me lembro de nenhum fato que pudesse ser descartado, a não ser que achava bobagem interromper a aula em sala e ir para a quadra aprender jogos, o que eu não gostava. No final desse ano letivo, me mudei para o bairro Nova Suíça, e precisei trocar de escola novamente. Não conhecíamos a região, havia somente uma escola estadual e outra municipal no bairro vizinho, então fui para o Colégio Guimarães Rosa, uma escola particular

que era mais próxima. Dessa época -6ª e 7ª séries atuais- tenho lembranças que considero o marco de minha tomada de posição em relação à trajetória escolar: comecei a ter dificuldades com a matemática, e até hoje não sei se não gosto porque tenho dificuldade, ou tenho dificuldade porque não gosto. Essa área de aprendizagem passou a ser sofrível para mim, mas em contrapartida tive na 7ª série um professor de Português que me apresentou a poesia de Carlos Drummond de Andrade, em especial, e outros brasileiros. Continuei no ginásio sendo ótima aluna, exceto em matemática, e passava a ter consciência do que queria na vida era estudar muito. Estávamos em meados dos anos 70 e na escola nada sobre política era mencionado, nas aulas de História e Geografia eram totalmente com a finalidade de memorização, passaram tão despercebidas que não há registros na memória sobre elas. Quando estava na 8ª série, houve uma Copa do Mundo, mas como não foi feriado, tivemos apenas que decorar os nomes dos países e suas capitais, bem como as cores das bandeiras. Só havia de relevante a literatura nessas memórias de ginásial.

#### **2.4 – Ampliando horizontes culturais**

O segundo grau nessa escola só era oferecido no 3º turno, então no 1º ano do 2º grau estudei a noite nesse mesmo colégio. Por sorte, o professor de Português era o mesmo, o que era um alento, pois além da Matemática, surgiram a Química e a Física, matérias que só consegui aprender para passar de ano. Estava ficando muito difícil para minha família manter os 3 filhos na escola particular, então quando passei para o 2º ano fiz a prova de seleção no Colégio Milton Campos, que era uma escola bem conceituada e pública. A transferência de escola foi para mim muito significativa, pois eu era adolescente e nunca tinha saído para longe de casa sozinha, teria de refazer o círculo de amizades, atravessar a cidade para estudar, e me adaptar a um colégio de dimensões e regras muito diferentes de todos que conhecia até então. Eram os finais dos anos 70, havia mudanças culturais e políticas acontecendo, e sobre elas eu conhecia apenas o que a televisão mostrava e o que eu ouvia nos fragmentos de conversas de adultos em casa. Eu era despolitizada, só conhecia o mundo apresentado pela mídia limitada e censurada daquela época, e no Colégio Estadual havia um mundo que era mais amplo do que aquele em que eu vivia. Lá o movimento estudantil já se delineava, a biblioteca era grande, as regras de conduta escolar mais flexíveis, havia pessoas de todas as classes sociais, predominantemente as mais altas do que a minha. Havia um teatro onde se realizavam palestras e debates sobre assuntos que eu não dominava, apresentavam músicas e peças de teatro. Esse mundo me interessou muito, tanto que, além da Química, da Física e da Matemática que agora eram incompreensíveis para mim, descuidei delas a ponto de não conseguir nem o mínimo para passar de ano. Fui reprovada em Física, e essa primeira e única reprovação teve efeito diminutivo em minha vida escolar. Nesse final de anos 70, o 2º grau era formatado em função do vestibular, e ser reprovada naquele momento significava para mim quase a impossibilidade de ingressar na faculdade. O mais importante não era saber qual faculdade seria, e eu nem sabia o que queria ainda, mas havia entre eu e ela as ciências exatas, nessa época, as minhas dificuldades já citadas se transformavam em pânico e aversão. No Colégio Estadual central, com toda sua arquitetura moderna, havia um tablado nas salas onde ficava a mesa do professor e todos, sem exceção, adquiriam proporções assustadoras nesse tablado, quando ao lado no quadro

verde falavam de fórmulas e leis que eu absolutamente não compreendia. Ao final do 3º ano fiz o teste vocacional da escola que apontou múltiplas aptidões para a área das ciências humanas, e nenhuma para a área das exatas. Os testes mostraram o que eu já sabia, e já tinha decidido após me refazer da reprovação, estudar as ciências que não dependessem de cálculos exatos, embora até então não soubesse qual curso desejava fazer. Nessa trajetória escolar que descrevi, eu não tinha nenhum modelo de professor, não tinha também passado por experiências negativas com nenhum deles, embora uns me despertassem admiração pela forma de ensinar: a segurança de ter o conhecimento e transmiti-lo com alegria, em alguns, acho que não via até braços de nobreza e generosidade nesse ato de transmitir só conhecimentos. Não posso afirmar se foram alguns professores ou se os conhecimentos que me despertaram a vontade de ser professora.

No finalzinho dos anos 70, eu já me interessava sobre História política do Brasil e da América Latina, e esse interesse foi despertado muito mais pela música e pela literatura do que por conteúdos curriculares. Era um momento de transição política, eu gostava de estudar e aprender, queria compreender o processo político e admirava toda fonte de conhecimento que pudesse dispor. Após concluir o segundo grau, não sabia o que queria estudar e não quis escolher um curso só porque nessa fase da vida todos entram para a faculdade. Decidi então fazer um curso de Inglês e durante todo o ano de 1980 estudei na ETIMIG, à noite, e trabalhava durante o dia numa empresa de decoração como recepcionista. Nesse espaço de tempo, eu possuía muito tempo disponível, o qual eu preenchia com leitura. Com o fim do regime militar, tornaram-se disponíveis muitos livros sobre temas políticos. Havia na época o Círculo do Livro, e eu gastava boa parte do meu salário comprando romances, ou biografias, cujos personagens estivessem ligados a questões históricas. Durante o período em que só estudei Inglês e lia muito, não deixei de pensar na questão da faculdade, mas sentia que precisava também resolver algumas questões de ordem prática. Eu havia terminado o 2º grau e não tinha uma profissão, sempre gostei do processo ensinar e aprender, e sabia que não queria passar o resto da vida trabalhando num escritório fechado. Comecei a considerar a hipótese de ter uma profissão, de trabalhar em uma atividade que eu gostasse, e me permitisse ter horário livre para estudar durante o dia. Os testes vocacionais que fiz na época apontavam a carreira do magistério, e era uma idéia que me agradava. Então, nessa época, havia no Colégio Minas Gerais, a oferta do curso de Inglês para fazer o de magistério, que me pareceu ser uma boa resposta a questões já citadas anteriormente.

### **3 - O tornar-se professora**

O curso, apesar de ser em um ano, tinha uma carga horária boa, as aulas eram das 19h até as 22h30, de segunda a sexta feira, e aos sábados, as disciplinas eram específicas do magistério. Tive oportunidade de conhecer pessoas que estavam se habilitando, mas já exerciam o ofício em escolas infantis particulares e essas pessoas eram entusiasmadas com o trabalho que faziam, e isso me influenciou bastante. Eu sempre gostei de aprender, e estava aprendendo a gostar de aprender. A censura política já estava mais branda no país, jornais mostravam um mundo que eu não conhecia antes, as greves aconteciam e eu tinha lembranças de um episódio que ficou marcado: mesmo não sendo professora, fui com uma

colega a Praça da Liberdade e havia lá uma manifestação de professores estaduais, que ficou célebre pelo desfecho que teve. Na iminência de me tornar professora, essa lembrança me era recorrente de maneira indefinida, que me ligava a todas as informações que chegavam sobre os acontecimentos pós ditadura militar. O momento político e o idealismo próprio da idade, tiveram peso para minha opção pelo magistério, ainda que eu não saiba em que medida. No estágio do curso, trabalhei em uma turma de 1ª série repetente na escola estadual próxima a minha casa. Os alunos estavam na faixa dos 9\10 anos e não eram alfabetizados, a professora estava prestes a se aposentar, a supervisora não se importava com eles e eu me perguntava o que estava fazendo ali. Com o passar dos dias, fui percebendo que toda a teoria que tinha estudado (e que provavelmente a professora daquela classe também tinha estudado) seria inútil por si só, os alunos que estava ali precisavam, antes de tudo, ser percebidos e acolhidos. Eu estava naquela escola, naquele momento, para estagiar e demonstrar o que tinha aprendido, mas foi seguindo a minha percepção que consegui chegar àqueles alunos e só depois aplicar os conhecimentos didáticos. Terminei o estágio com um anti-modelo profissional tudo o que eu não queria ser é o tipo de professora que inicia o trabalho acreditando que tudo o que fizer será ruim e que os alunos são tão ruins que não vale a pena investir.

Por volta de 1982 fiz o vestibular para Pedagogia no Instituto de Educação, convencida de que esta era minha opção. Eu ainda trabalhava em uma imobiliária, de 13h as 18h, após as aulas, mas estava convencida de que era provisoriamente, pois eu iria lecionar, o que aconteceria a partir de 31/03/84, quando tomei posse na rede municipal de ensino como professora P1. No curso de Pedagogia poucas colegas não lecionavam, além de mim. A maioria já tinha bastante experiência no magistério, mas não tive qualquer dificuldade para interagir nos trabalhos em grupos, dinâmicas, nem nas matérias teóricas, as da sociologia, da filosofia e da psicologia eram fascinantes. Neste curso pude conhecer a obra de Paulo Freire de Ruben Alves, dois autores que merecem destaque, não só pela obra em si, mas pela maneira respeitosa e humilde que percebem o ser que aprende, independente da idade e condição social que o aluno possa ter. Esses autores particularmente vão além da teoria e colocam o processo ensino\aprendizagem como algo vivo, dinâmico, em que ambas as partes são complementares a outra.

Após concluir o curso de Pedagogia, havia uma lacuna que não sabia precisar, estava feliz com a vida profissional, mas queria mais dados sobre o cenário do Brasil na época. Era um momento histórico\político pós governos militares, a sociedade se organizava em moldes mais liberais e novos líderes pontuavam os rumos da cultura, e pessoalmente era uma fase de amadurecimento.

No final dos anos 80, queria fazer outro curso e oscilei entre a Filosofia e a História, o contexto da época me apontou a segunda opção. Comecei então o curso de História na UFMG no final dos anos 80, quando se delineavam os movimentos pelas Diretas Já e podia-se perguntar e falar de todos os assuntos, em todos os lugares. Comecei o curso com a expectativa de aprender mais sobre a história recente do Brasil, mas nesse aspecto não foram bem atendidas as minhas expectativas, pois os temas foram vistos rapidamente e o foco foi à historiografia. Então, sobre outros fatos pós 64, fui buscando a literatura e a filmografia disponíveis a partir das indicações do curso. Além da formação profissional, o curso de História contribuiu bastante para minha formação humana, pois as abordagens aos conteúdos me permitiram percebê-los de forma relacional entre eles, e a concepção de

finalidade do estudo da História foi adquirida nessa época. Mesmo que eu não fosse lecionar, teria valido a pena ter feito o curso, pois aprendi com ele a valorizar as perguntas tanto quanto as respostas e a perceber as múltiplas possibilidades que elas possuem. O conceito mais importante que construí no curso foi o de sujeito histórico cultural. Devido a algumas greves que aconteceram no decorrer do curso, o concluí no ano de 1991.

#### **4º Capítulo – Magistério, o ser professora**

Conforme mencionei no capítulo anterior, fiz a opção pela carreira do magistério, e logo após concluir o curso comecei a faculdade de Pedagogia. Até então eu não exercia a função, mas mesmo não estando, já era professora. O passo seguinte seria começar a exercer o ofício. Não há uma causa específica, um marco específico que eu conseguia localizar como detonador da minha opção, nem mesmo influência ou pressão de familiares. Minha escolha baseou-se na incompletude que o curso de 2º grau deixou, na análise das condições que me permitiram trabalhar e estudar com horários compatíveis entre si, a estabilidade da profissão e, logicamente, uma profissão que eu achasse atraente, criativa e gratificante. Desse modo, avalio que havia sim uma idealização, uma visão até um pouco romântica sobre a docência, uma identificação com os professores bons que tive, mas havia também avaliações de ordem prática que orientaram minha escolha profissional. Tive todo o apoio de minha família que nunca apontou qual profissão deveria escolher, mas sempre foi muito claro que estudar e trabalhar eram atividades naturais e as únicas maneiras de viver dignamente.

No final de 1983, fiz o concurso da rede municipal para professor P1, na época, designação dada a quem atuava até a 4ª série na nomenclatura antes da escola plural. Fui aprovada com boa colocação e passei então além de ser, atuar como professora. Em 31 de março de 1984 tomei posse e meu senti bastante orgulhosa por isso.

##### **4.1 – Ensinar e aprender**

A primeira experiência profissional guarda sempre algumas semelhanças com a experiência do estágio, que descrevi também no capítulo anterior e mencionarei posteriormente. Eu precisava escolher uma escola dentre as que eram disponibilizadas pela prefeitura, e estavam disponíveis vagas em escolas mais distantes dos locais de fácil acesso. Fui trabalhar na E.M Jonas Barcellos, no bairro Independência, que faz divisa com a cidade de Ibitiré, e pude constatar que o aluno ideal falado no curso e formação nem sempre esta sentado em nossa sala de aula, que a teoria nos instrumentaliza, mas não nos garante que vamos aplicá-la do jeito que aprendemos e que os objetivos serão sempre alcançados. Enfim, precisamos das teorias, das didáticas e metodologias, mas elas não são receitas nem manuais.

Na primeira escola em que trabalhei o horário era de 15h as 19h e como diz a música Cidadão, “eram 4 condução, 2 pra ir, 2 pra voltar”, saía de casa as 13h e chegava por volta das 20h30, quando não chovia e o trânsito estava bom. A escola era incrivelmente bem

organizada e administrada, todas as pessoas eram muito comprometidas com o fazer pedagógico, independente das dificuldades estruturais que existiam. A minha primeira turma na vida era uma 3ª série de alunos com repetência, os alunos eram pré-adolescentes que tinham pouca auto-estima. Eram crianças extremamente pobres, sentiam-se pouco a vontade no turno composto por turmas de 1ª e 2ª série, oscilavam entre a timidez e a indisciplina. A escola estava localizada em um bairro que era novo, o entorno era constituído por famílias trabalhadoras, mas com um alto índice de desemprego. As crianças eram majoritariamente carentes, mas traziam valores éticos, valorizavam a escola e o estudo, havia poucos casos de indisciplina e nenhum de violência. Repito que a organização e a administração competentes favoreciam o trabalho dos professores e valorizavam os sujeitos escolares, todos eles. A semelhança entre a turma que me coube e aquela que conheci ao fazer o estágio, devia-se aos vários anos de repetência, as defasagens de idade e de aprendizagem, e a auto-estima diminuída, e que se transformavam em um desafio: fazer mais do mesmo ou fazer a diferença na vida escolar daquelas crianças. As semelhanças terminam aí, pois nesta escola, ao contrario da primeira, havia interesse e preocupação com a turma por parte da escola e apesar da pouca materialidade disponível para o trabalho, tive todo o apoio para assumir o desafio de trabalhar com esses alunos e fazer o que deveriam ser feito. Essa experiência foi muito gratificante e significativa, talvez por ter sido bem sucedida e pelo tanto que me ajudou a compreender a complexidade do ofício de ser professora. No final do ano, a turma tinha conseguido um avanço enorme na aprendizagem a paralelamente a isso, demonstraram avanço também na relação com os pais e na relação com o pessoal da própria escola. Além do avanço pedagógico, as infrequências e a indisciplina caíram drasticamente, e a participação nos movimentos coletivos dentro e fora de sala de aula aumentou na mesma proporção. É muito comum nas escolas ainda hoje em dia, que as professoras novatas assumam as turmas com mais problemas, as que por conseqüências não são escolhidas, mas neste caso, as circunstâncias favoreceram tanto aqueles alunos quanto a mim, pois saímos maiores e mais fortalecidos com essa experiência. Quanto a mim, credito a experiência com esses alunos a preferência que tenho até hoje com as chamadas turmas difíceis e a consolidação de minha vocação como educadora, que é mais do que ensinar conteúdos. Antes da Escola Plural, não era comum a professora continuar com a turma no ano seguinte, e também esses alunos mudaram de turno, já que foram aprovados para a 4ª série, então nosso trabalho juntos terminou no final desse ano letivo. No ano seguinte, foi me oferecido a 1ª sala, a mais adiantada da 2ª série, com a justificativa que o trabalho que fizera com a turma difícil me recomendava para a turma mais adiantada.

No ano de 1985, vivenciei a experiência de trabalhar com a 'melhor turma', a cobiçada por outras professoras, e foi uma boa experiência, os resultados foram muito bons, mas a gratificação e o fortalecimento pessoais foram menores, como os desafios de buscar novas estratégias de trabalho. Em 1987 precisei mudar de escola, pois havia uma matéria no curso de História que só era oferecida a noite, então a distância, o acesso difícil e o horário da escola me impossibilitaram de chegar a Fafich a tempo.

Profissionalmente eu estava muito feliz, pois me realizava no trabalho que fazia, o salário era suficiente para o estilo de vida que levava, era bem definido o papel de professor na época, as relações família e escola eram respeitadas e a escola tinha o papel de formadora social e educadora, com ênfase no segundo aspecto. Ao mudar de escola, fui para a E.M Magalhães Drummond, bem conceituada que atendia, na maioria crianças de nível sócio-

econômico bom. Era novamente a professora novata que assumia a turma de 1ª série com anos de repetência e grau elevado de alunos indisciplinados, com recomendações de não ‘me preocupar, pois eles não aprendem mesmo’. Talvez por ter tido uma ótima experiência com turma de perfil semelhante, ignorei a recomendação e aceitei a turma de maneira completa, mesmo sem nunca ter antes trabalhado com alfabetização. Nesta turma, pude experimentar e definir que alfabetização era o que eu queria fazer. Fui assim me ‘especializando’ em trabalhar com turmas rotuladas, excluídas e não alfabetizadas, escolhendo o que outras pessoas não tinham escolhidos, não apenas recebendo o que a mim atribuíam.

Nessa época, talvez 1988, eu já tinha concluído o curso de Pedagogia e houve um concurso interno para supervisora, e eu o fiz. Por ter conseguido boa classificação, fui chamada rapidamente, e como na época não havia vaga nesta escola, fui trabalhar na FAFICH, que ainda funcionava no bairro Santo Antônio. Começava um novo ciclo de trabalho e nesta escola as condições de trabalho eram semelhantes a aquela primeira, mas os desafios, sempre eles, não causavam desânimo, pelo contrario, estimulavam e aproximavam professores, alunos e famílias.

#### **4.2 – A coordenação**

Quando assumi o cargo de pedagoga e durante alguns meses adiante, estava segura de que havia feito uma boa escolha, mas atualmente reavalio a questão e se pudesse voltar no tempo, não a faria novamente. As condições, o papel do pedagogo nas escolas são bem ruins; na questão salarial não há diferença entre o salário da professora que tem o curso superior, o tempo de trabalho para aposentadoria é maior, e com as demandas colocadas para a direção da escola, a coordenação tem ficado mais distante do trabalho pedagógico para atender as demandas administrativas, e não é isso que desejo fazer, caso contrario, me candidataria a direção da escola.

Trabalhei até 1990 na escola Ondina Nobre, e só pedi transferência em 1991, morava no bairro Gameleira, minha filha havia nascido e as questões tempo e distância eram colocadas como dificuldades para trabalhando longe de casa. Então, fui para a E.M Deputado Milton Salles, no bairro Jardim América, onde estou até hoje. Parece que a minha vocação para trabalhar com turmas difíceis estava consolidada, pois nessa nova escola, havia no turno da tarde, 10 turmas de 1ª série na época em que cheguei, havia outra supervisora e necessidade de dividir as turmas. Fiz a opção de ficar com as turmas mais fracas e repetentes, por isso no ano de 1992, talvez 1993, a diretora da escola me convidou para coordenar junto com a orientadora um projeto de 4 turmas de 1ª série com muitos anos de repetência na escola e de aprendizagem e ficariam na escola em tempo integral. O convite foi justificado por ela, com base no trabalho que estava justificando realizando, nos resultados e no meu perfil profissional, que ela considerava adequado a proposta. Esse projeto se chamava Projeto Integral, e terminou um ano após a implantação da escola plural, que entre outras propostas, visava o fim da repetência e a enturmação dos alunos pela idade.

Quando avalio o trabalho docente, penso que fiz a escolha certa, mas não existe hoje a gratificação pessoal que havia antes, há uns 10 anos, percebo o sucateamento da



educação, o desencanto da maioria dos colegas de profissão, a auto-estima profissional, despencando cada dia mais. Percebo nos colegas o meu próprio reflexo, ouço dos outros meus próprios pensamentos e às vezes me pergunto, o que é ser professora hoje?

### **4.3 – A prática escolar nos dias de hoje**

Atualmente o trabalho docente é solitário na maior parte do tempo, e ser professora não tem mais o sentido de construir e reconstruir conhecimentos como função principal. O avanço da universalidade do ensino deixa evidente a opção do poder público pela quantidade em detrimento da qualidade, as políticas educacionais são analisadas freqüentemente por gráficos numéricos que demonstram o produto e não questionam como feito. Ser professor significa ampliar medidas adotadas pelas gerências sem que tenhamos participado das decisões, ‘arranjar’ um tempinho para discutir as questões que são presentes na escola e demandam tempo e espaço definidos, significa ser operário dos conhecimentos cada vez mais fragmentado e cada vez menos refletido, não ter a identidade profissional da qual possamos nos orgulhar, então pouca coisa tem valido a pena, nesse contexto. Entre aquelas coisas que nos fazem ainda acreditar na nossa prática está o reconhecimento que vem freqüentemente dos alunos que valorizam o trabalho docente, acreditam, demonstram interesse em aprender e de fato, aprendem.

Talvez um dos entraves que os professores efetuam atualmente, seja reagir contra a incidência e o desencanto em que nos encontramos, é exatamente superar o mito oficial que a escola é o lugar da redenção social e da mágica operação de transformar solitariamente crianças que muitas vezes saca literalmente depositadas na escola, em sujeitos éticos, honrados e habilitados para melhorar a sociedade onde vivem. Esse quadro me parece algo tão grave, quando vemos que andamos em círculos diante disso e não vemos a luz no fim do túnel, trabalhamos em escolas públicas, mas poucos de nós colocamos nossos filhos nelas, e não vemos coletivamente possibilidades de superação, e o que é mais grave, não conseguimos sequer nos perceber como coletivo de anseios, e sim de lamentações.

Ao iniciar o presente curso, percebi que estava me deslocando um pouco dentro do cenário anteriormente descrito e, pois a decisão de estudar esses conteúdos, nasceu de incômodos e de lacunas já existentes, que só pioravam o desalento já também existente por diferentes razões. O desafio agora é elaborar um plano de ação que possa, mesmo que de forma ainda pequena, mas significativa, partir do ensino deficitário no que se refere às questões da cultura africana e colocá-la no currículo de forma mais incisiva e não apenas como antes somente no ‘currículo turístico’, conforme estudamos no módulo ‘currículo’.

# Plano de Ação

---

No cotidiano das escolas públicas, nas regiões mais empobrecidas, os negros e os descendentes deles são majoritariamente nossos alunos, mas nos livros didáticos e na literatura que circula nesses espaços eles aparecem apenas esporadicamente, em situações pontuais, não tem visibilidade e nem modelos positivos de identificação, e isso é um problema.

A superação desse problema demanda ações pautadas no conhecimento da causa e estratégias bem fundamentadas o conhecimento da temática africana.

Para que a lei 10-639/03 possa sair do papel e ser posta em prática, é necessário a instrumentalização e começar o trabalho de maneira efetiva, e dessa forma, dar visibilidade a questão, de maneira sistematizada. Então, a proposta é inserir o conhecimento sistematizado e as manifestações culturais nas outras práticas pedagógicas já existentes na escola.

*A comunidade escolar é composta majoritariamente por afro-descendentes que não que não são reconhecidos como tal e não se identificam de maneira positiva, etnicamente, e são pessoas que trabalham para sobreviver. Conhecer a história brasileira e perceber-se representado e representando dela e neste caso também uma ação afirmativa que atinge uma parcela bem maior de pessoas que não aparecem nos livros didáticos, na mídia e na*

*literatura infantil que comumente circula nas escolas. O acesso aos conhecimentos e a construção deles é o início de uma das ações que podem a médio e longo prazo reduzir, até que sejam superados o preconceito e a discriminação étnica no Brasil.*

A concepção da História que fundamenta a Lei 10.639/03 e as “Diretrizes Curriculares...”, assim como nossos propósitos mais amplos, considera a prática social em suas várias dimensões do tempo presente, e portanto, busca a recuperação das experiências sociais dos indivíduos e grupos sociais, ou seja, a recuperação da experiência humana. Nessa perspectiva, em vez de adotar categorias-chave como conceitos explicativos esquematizados do ‘acontecer histórico’, busca-se compreender as lutas sociais. Dessa forma, rompe-se com a noção de tempo como algo linear e possibilita-se entender o passado mais distante a partir das vivências do tempo presente, pois se propõe que se dialogue com o dito passado, tomando o tempo bem próximo (cotidiano) como ponto de partida. Assim, a noção de tempo leva em consideração as noções de diferença, semelhança, mudança, permanência e simultaneidade, pois a interação é encaminhar as reflexões históricas no sentido da relação aluno e professor, ultrapassar as suas realidades concretas, experienciais, no aqui e agora, no tempo presente e alcançar referenciais mais amplos no tempo e no espaço, alcançar outros tempos e espaços, partindo no seu referencial local.

Nessa perspectiva de tempo, como categoria analítica a ser considerada em nossas práticas pedagógicas em sala de aula, ao trabalharmos no sentido de implementar as determinações da Lei 10.639/03, passamos a delinear de forma mais ampla os nosso propósitos que serão, logo após, delineados com mais precisão.

## **1) Justificativa**

No cotidiano das escolas públicas, nas regiões mais empobrecidas, os negros e os descendentes deles são majoritariamente nossos alunos, mas nos livros didáticos e na literatura que circula nesses espaços eles aparecem apenas esporadicamente, em situações pontuais, não tem visibilidade e nem modelos positivos de identificação, e isso é um problema.

A superação desse problema demanda ações pautadas no conhecimento da causa e estratégias bem fundamentadas no conhecimento da temática africana.

Para que a Lei 10.639/03 possa sair do papel e ser posta em prática, é necessária a instrumentalização e começar o trabalho de maneira efetiva, e dessa forma, dar visibilidade a questão, de maneira sistematizada. Então, a proposta é inserir o conhecimento sistematizado e as manifestações culturais nas outras práticas pedagógicas já existentes.

## **2) Objetivos gerais**

Implementar a Lei 10.639/03 com vistas de criação de condições para discussões acerca da construção de identidades étnico-raciais junto a comunidade escolar, a partir da reflexão sobre a diversidade sociocultural na sociedade brasileira, combatendo assim práticas racistas e discriminatórias, na escola, reeducando para as relações étnico-raciais.

### **3) Objetivos específicos**

- a. Envolver todos os atores inseridos no processo escolar, nas questões atinentes à temática étnico-racial promovendo o diálogo na comunidade escolar, no que diz respeito às questões étnico-raciais.
- b. Ampliar o foco da concepção de “Currículo”, na perspectiva de ir além das disciplinas integrantes do currículo escolar e direcioná-lo no sentido da exposição e discussão de questões até então silenciadas, éticas, políticas, econômicas, sociais e étnico-raciais, incluindo as contribuições histórico-culturais de nossas raízes africanas.
- c. Raciocinar historicamente, estabelecendo relações de tempo e espaço considerando diferentes produções culturais.
- d. Utilizar variadas lentes de pesquisa e de registros nas construções de saberes escolares.
- e. Contextualizar historicamente sobre a importância da cultura africana para a formação étnica e cultural do povo brasileiro.
- f. Estudar, discutir e desenvolver atividades junto aos alunos, a partir de estudos dos aspectos geográficos, históricos e culturais da África, recontando aspectos significativos, desconstruindo estereótipos, erradicando preconceitos e mostrando aos alunos a existência de heróis negros na história sociopolítica do Brasil.
- g. Utilizar os livros dos kits escolares como embasamento de trabalho escolar.
- h. Apontar marcas da cultura africana nas mais diversas vertentes da cultura brasileira. Ressaltar que a Educação tem um papel salutar no trabalho das Ações Afirmativas. Nesse sentido, enfatizar que é de suma importância que os trabalhos étnico-raciais sejam iniciados desde a Educação Infantil, com o objetivo de se valorizar a história do negro e sua identidade cultural, promovendo a reeducação das relações étnico-raciais de todos, negros e não negro.
- i. Valorizar as heranças africanas, promovendo discussões sobre etnias, raça e cultura.
- j. Identificar situações de preconceitos raciais existentes no espaço escolar e analisá-los a luz das reflexões acerca da diversidade étnico-cultural na sociedade brasileira.
- k. Promover ações que respeitem a diversidade das manifestações de natureza étnico-racial.
- l. Propor as Gerências de Educação a criação de políticas de formação docente a partir dos pressupostos das Diretrizes Curriculares Nacionais e da lei nº 10.639/03.

#### **4) Justificativa**

Os indícios de racismo e de discriminação com os negros, muitas vezes camuflada na expressão afro-descendente, estão presentes da sociedade, conseqüentemente na escola, que tem como um de seus papéis, promover a transformação de um povo, de modo mais democrático e comprometido, estimulando a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças existentes entre os diversos grupos que compõem a sociedade brasileira, valorizando o ser humano.

Nesse espaço é possível viabilizar a reeducação das relações sociais e étnicas, sendo necessárias estratégias pedagógicas de combate ao racismo e a discriminação, além da capacitação dos professores, coordenadores e diretores para esse trabalho.

A comunidade escolar da E.M Deputado Milton Salles é composta majoritariamente por afro-descendentes (pardos, negros, não-brancos). Muitos não se identificam como tal, e os que se auto declaram afro-descendentes nem sempre o fazem de forma positiva. Conhecer a história brasileira e perceber-se representado e se representando como sujeito atuante dela é uma afirmativa que atinge uma parcela bem maior de pessoas que não aparecem nos livros didáticos, na mídia, e na literatura infantil que comumente circula nas escolas. O acesso aos conhecimentos e a construção deles é o início de uma das ações que podem a médio e longo prazo reduzir, até que sejam superados o preconceito e a discriminação étnica no Brasil.

#### **5) Desenvolvimento, procedimentos metodológicos e atividades a serem desenvolvidas.**

- a. Trabalho com literatura específica, dando ênfase à bibliográfica de vultos relevantes para a história dos negros (utilização dos kits literários)
- b. Apresentação de imagens positivas distribuídas pela SMED, por meio de cartazes, DVDs, revistas, jornais, viabilizando o fortalecimento do orgulho do pertencimento étnico-nacional.
- c. Convite a participação da comunidade escolar em um diálogo sobre identidade negra e ações afirmativas.
- d. Promoção de incursões em locais culturais na cidade e no bairro, dando oportunidade aos negros para apropriação de seu papel de sujeito de direito.
- e. Introdução de jogos matemáticos africanos no processo de aprendizagem.
- f. A escola enquanto promotora de novas reflexões e conhecimentos, poderá romper e quebrar alguns paradigmas sobre a questão racial através de:
  - Trabalhos com imagens que destaquem o negro em diferentes áreas do conhecimento artístico, cultural e econômico

- Um levantamento bibliográfico de toda a materialidade existente dentro da escola, com o objetivo de dar visibilidade e inseri-lo nos trabalhos em sala de aula
- Introdução de elementos de valores da cultura afro-brasileira através das rodas de samba, capoeira e outras manifestações artístico-culturais, enfatizando a importância e história de cada ritmo
- Adoção de uma mudança de postura por toda a comunidade escolar, evitando apelidos e\ou piadas de mau gosto, que sugerem incapacidade do grupo ou fazendo pouco das religiões de raízes africanas

### **5.1.1 – O continente da Copa do Mundo**

Público do 4º ano

Áreas de conhecimento: Língua Portuguesa, Geografia, História

- Ler e interpretar textos de gêneros variados
- Localizar informações no mapa
- Localizar informações explícitas em textos narrativos
- Inferir informações a partir de dados contidos no texto
- Valorizar a diversidade cultural africana
- Conceituar cultura
- Distinguir continente de país
- Usar a legenda de mapas para interpretá-los
- Relacionar informações trabalhadas nos diferentes textos
- Distinguir paisagem natural de paisagem humanizada
- Pesquisar sobre as culturas africanas em diferentes fontes
- Apontar semelhanças entre traços culturais e geográficos, comuns ao Brasil e algumas regiões da África
- Fazer o levantamento de quais países africanos em que se fala o português

Atividades:

- Trabalhar com textos literários, informativos, publicitários e culinários
- Leituras de mapas e gráficos
- Confecção de gráficos: quantos países são, quantos falam o português
- Procurar fotos de paisagens naturais e de paisagens africanas
- Explorar o mapa da África a partir de legenda pedida pela professora: países que são banhados pelo mar, os que não são, países de língua portuguesa, país que vai sediar a Copa do Mundo
- Organização de informações de um texto na linha do tempo
- Exploração de textos lidos através de questões orientadas pela professora
- Pesquisar o que é islamismo, cristianismo, politeísmo, colocando a fonte
- Comentar aspectos culturais que aparecem no filme 'Kiriku e a feiticeira'

### **5.1.2 – Semana da Consciência Negra**

Semana da Consciência Negra

20 de novembro – Dia da Consciência negra

Coordenação Claudia e Rosilene

Áreas de abrangência: Português, História, Artes, Geografia

Capacidades:

- Valorizar a cultura africana
- Ler textos informativos sobre o tema
- Interpretar textos
- Localizar no mapa a origem da humanidade
- Conhecer a teoria evolucionista
- Pesquisar
- Elaborar trabalhos escritos
- Organizar e realizar entrevistas
- Organizar linhas do tempo
- Identificar elementos da cultura africana nas diferentes manifestações da arte brasileira
- Ler e interpretar mapas
- Identificar na História brasileira o momento da chegada do negro
- Desconstruir atitudes preconceituosas
- Adquirir informações sobre Zumbi dos Palmares

Recursos:

Filmes, livros de literaturas, mapas, globo terrestre, jornais, revistas, livros didáticos.

Atividades sugeridas:

- Leitura oral e silenciosa, interpretações escritas
- Ilustrações de textos
- Produção de textos
- Interpretação de gráficos
- Pesquisas em jornais, revistas, livros, telejornais sobre o tema
- Rodas de conversa
- Audição de sons: reggae, samba etc.
- Filmes, histórias contadas e lidas
- Entrevista a ser elaborada com a turma

### **5.1.3 – A princesa e o sapo**

Listar as princesas e as características de casa uma (físicas e psicológicas)

Cada turma trabalha uma história, e reconta a outra: a professora lê a história para a turma e os alunos recontam para outra. Assim, todas as turmas ouvem mais de uma história.

Jogo da memória: dar as figuras de cada princesa e algumas características para os alunos recontarem o texto e fazerem associações às figuras das princesas.

Explorar a figura dos príncipes: o papel deles, em que parte das histórias eles aparecem, como são os finais.

Após isso, propor as turmas (nos quintetos) que assistam o filme 'A princesa e o sapo'. Trabalhar as características dos personagens, as semelhanças e diferenças deles em relação aos personagens das outras histórias trabalhadas anteriormente, os elementos reais e os elementos mágicos que as histórias apresentam.

Propor que construam coletivamente uma princesa.

Explicar que Nova Orleans é uma cidade real e que foi destruída há pouco tempo pelo furacão Katrina, mostrar fotos, vídeos, usar a internet para isso.

Escrever uma história com a turma usando os elementos já trabalhados, pedir que a ambientação seja em Belo Horizonte, que usem dados e referências da realidade da turma para compor a história.

Ilustrar individualmente o texto produzido coletivamente.

Com esse trabalho é possível desenvolver as habilidades:

- De posicionamento crítico em relação às informações recebidas
- Desenvolvimento da linguagem oral
- Exercício de análise, relacionamento de idéias e da criatividade
- Construir referências positivas do negro quanto a estética, produção cultural e como protagonista de histórias
- Desenvolver a imagem positiva do negro nas histórias reais e imaginadas
- Utilizar diferentes fontes de informação
- Exercitar a imaginação criativa

**5.1.4** – Utilização de textos do universo africano nos momentos de ler e de contar histórias em sala

**5.1.5** – Utilização de material disponibilizado na Capacitação A cor da Cultura: vídeos, áudios, etc.

## **5.2 – Áreas de abrangência**

Conforme está previsto no texto da Lei 10.639/03, não se trata de criar uma disciplina específica para o trabalho com a História da África, e sim, trata-se de inserir a temática nas disciplinas que já constituem a grade curricular. Dessa forma, os conteúdos e trabalhos que já são desenvolvidos deverão ser acrescidos com os elementos da cultura e da história africana nas aulas de Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Artes, Ciências e Educação Física, considerando as idades e capacidades dos alunos nos seus respectivos anos e ciclos. As metodologias, formas e instrumentos avaliativos são conseqüentemente planejados e utilizados considerando também essas respectivas faixas etárias e capacidades das crianças.



### **5.3 – Desenvolvendo possibilidades com o corpo docente**

A constituição do grupo de professores e funcionários da escola é bastante parecida com o corpo discente no que se refere à conformação racial: é majoritariamente composta por negros e pardos, ainda que não seja na mesma proporção a constituição identitária desse coletivo. É recorrente a fala das professoras de que trabalhar com a temática africana é delicado porque pode provocar reações negativas por parte das famílias das crianças, mas esse discurso revela mais do que preocupação. Na verdade, se abordar a temática do negro é mais do que uma questão étnica, é também uma questão ética, que esbarra em inseguranças e subjetividades. Algumas professoras também não possuem identidades positivas em relação a sua etnia, não se percebem negras ou pardas, e freqüentemente preferem se eximir das discussões a respeito. Por trás do discurso de prevenção de conflitos com as famílias dos alunos, percebe-se a insegurança em abordar alguns aspectos da História da cultura africana por carência de conhecimentos, por comodismo de não querer sair de uma zona de conforto que o silenciamento sobre o tema principia, ou pelo argumento de que há tantas leis que não são cumpridas no Brasil, então entre tantas prioridades e urgências que existem na escola, a Lei 10.639/03 sempre pode ser adiada quanto a sua implementação. Temos que considerar a complexidade da constatação dessas falas/ações, pois elas se configuram no espaço de produção de saberes entre pessoas que, por excelência, contribuem para a formação do processo de cidadania de centenas de crianças.

Não é o caso de buscar embates que podem inverter e acirrar preconceitos, nem demonizar pessoas, mas é necessário e urgente desconstruir esse tipo de acomodação, investindo, insistindo na formação dos atores da educação, disponibilizando informações e conhecimentos que subsidiarão a reeducação nas relações étnico-raciais de negros e não negros.

Sabemos que a identidade é patrimônio culturalmente construído e todos nós possuímos múltiplas identidades que se relacionam nos diferentes contextos sociais e escolares, que elas envolvem aspectos sócio-políticos dos sujeitos docentes. Cabe a coordenação pedagógica a articulação de semelhanças e diferenças em torno da produção pedagógica, e nesse caso específico, objetivar e possibilitar que a Lei 10.639/03 saia do papel e se incorpore a prática. A tarefa não é fácil, mas também não é impossível, é feita com avanços e retrocessos, exige o cuidado de perceber o único dentro da pluralidade e as possibilidades que existem.

As ações da coordenação pedagógica busca misturar essas tensões inerentes aos múltiplos sujeitos professores e funcionários que coabitam a escola, subsidiando com informações as polemicas e conduzindo-as para o campo do diálogo, sem tentar preestabelecer o bom/ruim, o pior/melhor, pontuando a importância das problematizações político-pedagógicas. Os tempos de ACEPATER as reuniões de formação tornaram-se momentos ainda mais preciosos, pois são as possibilidades de ações e reflexões coletivas para embasamento teórico, socialização de idéias e práticas, fortalecimento e legitimação de trabalho, para a articulação das proposições curriculares e a leitura de textos que tragam

embasamento para que os professores subsidiem a prática e o planejamento das ações pedagógicas em sala.

Estudar os textos das leis que tratam do combate ao racismo, que ampliem as possibilidades de produção do material didático, debater idéias em torno de informações sobre o tema, verbalizar e compartilhar inseguranças com o grupo de pertencimento profissional são algumas das ações que tem acontecido em torno e com objetivo de que a lei seja corporificada na prática escolar. Cada um só dá de si o que possui, e nenhuma professora ou coordenadora trocará certezas cristalizadas pela prática e pelo tempo por outra que não tenha segurança para defender, dados para argumentar, por um discurso não que não acredita sinceramente.

## **6) Conclusão**

A implementação da lei 10.639/03 se efetivará completa e satisfatoriamente na medida em que a comunidade escolar compreendê-la e se apropriar dela, afinal, em sua essência, a lei exige a desconstrução de mitos e requer o estabelecimento de novos paradigmas. Para tanto, é indispensável a formação dos sujeitos escolares, com o foco nas professoras que são agentes de formação em suas essências.

Esse projeto é paradoxalmente simples, pois os sujeitos, os recursos, os procedimentos estão respaldados por lei e se relacionam todos num mesmo espaço – a escola. É complexo porque está repleto de sinuosidades em seu desenvolvimento, pela desconstrução de conceitos que requer bem como a necessidade da perspectiva histórica do pensar. A proposta desse projeto é redefinir novas abordagens sobre as questões étnico-raciais na escola, e para além dela. Está proposta ainda a desconstrução de mitos e tabus que estejam fundamentados em preconceitos e discriminações raciais e em contrapartida possam ser constituídas novas identidades e identificações positivas no que se refere aos negros e negras no Brasil.

É preciso esperar, desejar e trabalhar para que, pelo conhecimento e apropriação na nossa história, possa se valorizar o pertencimento e repassar as crianças uma nova história, pois somente através da conscientização e valorização da cultura afro-brasileira é que poderemos pensar em sociedade mais justa e mais horizontal, onde cidadania possa ser mais do que um discurso, ser a prática de todos em relação a todos, independente de cor e de padrões físicos e culturais preestabelecidos.

Educar para relações étnico-raciais justas e sadias exigirá de todos nós coragem, vontade, determinação, conhecimento e estudo, para que tenhamos a segurança do conhecimento e da causa.

## **7) Referências Bibliográficas**

- GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações Raciais no Brasil: Uma Breve Discussão. In: Educação anti-racista: caminhos abertos

pela Lei Federal 10.639/10. MEC: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. P.39 – 62.

- MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. Para entender o negro no Brasil de hoje: História, realidades, problemas e caminhos. São Paulo, Global, Ação Educativa, 2006.
- SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil Africano: São Paulo, Ática, 2006.
- GOMES, Nilma Lino. Tempos de Lutas: As Ações Afirmativas no Contexto Brasileiro (Org.). Brasília, 2006.
- SOUZA, João Valder Alves de. Introdução a Sociologia da Educação. Minas Gerais: Autêntica, 2009.
- Lei nº 10.639/03, de 9 de Janeiro de 2003. In: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
- SILVÉRIO, Valter Roberto. Negros em Movimento: A Construção da Autonomia pela Afirmção de Direito. In: BERNARDINO, Jorge; GALDINO, Daniela. Levando a Raça a Sério – Ação afirmativa e Universidade. Rio de Janeiro, DP&A, 2008.
- SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. Reexistência negra e escravidão na educação étnico-racial. Formação Continuada de Docentes da Educação Básica – Construindo parcerias (LASEB). Belo Horizonte, Autêntica, 2009 p 113 – 130.

#### Filmes:

- Documentário: Na Rota dos Orixás, Brasil, 1998, direção de Renato Barbieri.
- Kiriku e a Feiticeira, França\Bélgica\Luxemburgo, 1998, direção de Michel Ocelot.
- A Princesa e o Sapo, Estados Unidos, 2009, direção de Ron Clements e John Musker.
- Malcom X, Estados Unidos, 1992, direção de Spike Lee
- Mojobá, Canal Futura, 2005.